

A FIGURA DE MARCO ANTÔNIO E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE AUGUSTO. UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO.

Natália Frazão José.

Cita:

Natália Frazão José (2013). *A FIGURA DE MARCO ANTÔNIO E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE AUGUSTO. UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE VELÉIO, PLUTARCO E SUETÔNIO. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/48>

**XIV Jornadas
Interescuelas/Departamentos de Historia
2 al 5 de octubre de 2013**

ORGANIZA:

Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras

Universidad Nacional de Cuyo

Número de la Mesa Temática: 07

Titulo de la Mesa Temática: Tradición, tensión, decadencia, renovación, cambios y permanencias de la cosmovisión helénica, romana y tardo-antigua a partir de la interpretación de los modelos simbólicos y discursivos, propios del marco espacial Mediterráneo.

Apellido y Nombre de las/os coordinadores/as: Graciela Gómez Aso; Viviana Boch de Boldrino.

***A FIGURA DE MARCO ANTÔNIO E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE
AUGUSTO. UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE VELÉIO, PLUTARCO E
SUETÔNIO.***

*Natália Frazão José
Mestre em História
Doutoranda em História - Bolsista FAPESP
Universidade Estadual Paulista – Franca/ Brasil
Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho
njhist@gmail.com*

Inúmeros são os estudos que tratam acerca da imagem daquele considerado, por muitos, como o primeiro Imperador romano, Augusto¹. De diversas formas, pesquisadores² se empenham em analisar como se construiu a imagem deste governante, os artifícios utilizados para legitimá-lo e, em consequência, legitimar a nova estrutura política que ascendia em seu período, o denominado Principado Romano. Obras de diferentes autores inseridos no arco cronológico do Principado Romano, tais como a *Eneida* de Virgílio, ou mesmo as obras de Horácio, como as suas *Epodes*, ou as *Elegias* de Propércio, entre muitas outras, servem de objeto para as pesquisas de tais estudiosos que pretendem enxergá-las como construções capazes de propagar determinadas concepções, elaboradas dentro de sociedades específicas e possuidoras de objetivos próprios.

A diversidade de escritos sobre esse homem romano torna possível a existência de inúmeros Augustos, representações elaboradas em diversos períodos, frutos de criadores distintos. No decorrer de nosso Mestrado³, onde nos propusemos a analisar como certos autores constroem a imagem do imperador supracitado, conseguimos perceber que alguns destes, em meio às suas criações, fazem uso das figuras de Júlio César e Marco Antônio, importantes personagens do cenário republicano, para criar a imagem de Augusto. Ou seja, constroem-se imagens acerca da figura de Otaviano ao mesmo tempo em que são criadas imagens em torno de César e de Antônio. Tais escritos assimilaram e representaram tais personagens de inúmeras formas, com diversos objetivos. Contudo, faz-se necessário salientar que as representações acerca destes são bastante volumosas e, de certo modo, únicas. Existem inúmeros Augustos e, em decorrência disto, vários Júlios e Antônio. Cada representação é fruto das concepções próprias de seus autores, de seus contextos históricos, de seus objetos e objetivos.

Dentre estas construções, destacamos as realizadas Veléio Patérculo, Plutarco de Queroneia e Caio Suetônio Tranquilo. Veléio, um militar do início do Principado

¹Trataremos este personagem por três nomes distintos: Otávio, quando se tratar de sua juventude decorrida no período republicano; Otaviano após a adoção deste por César; Augusto, após 27 a.C., quando este título lhe é incorporado.

²Tais como Pierre Grimal, *Virgílio e o Segundo Nascimento de Roma*, cuja primeira publicação é datada de 1985; Susan Walker e Andrew Burnett, autores de *The Image of Augustus, publicada em 1981*; Paul Zanker, *The Power of Images in the Age of Augustus*, datada de 1988, e Diane Favro, *The Urban Image of Augustan Rome*, 1996.

³ Pesquisa intitulada *A Construção da Imagem do Imperador Augusto nas Obras de Veléio, Plutarco e Suetônio* (realizado com o fomento da FAPESP, MS1 e MS2, processo nº2009/10941-1), sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho. Dissertação defendida no ano de 2012.

(séculos I a.C. a I d.C.), compôs um *Compendium* de História Romana, intitulado *História Romana*, onde, através de um novo modelo de escrita⁴, tenta narrar toda a trajetória enfrentada pelos romanos, desde a fundação da cidade até o governo de Tibério, proporcionando aos seus leitores um panorama geral sobre a história que envolve a cidade de Roma. Plutarco e Suetônio escrevem biografias. Plutarco, escritor beociano dos séculos I e II d.C., em suas *Vidas Paralelas*, ao narrar a vida de um homem grego ilustre, sempre narra a vida de um romano ilustre, tecendo, no final de suas biografias, breves comparações entre as vidas, os valores morais e os feitos de cada personagem. Em outras palavras, exprime, em suas biografias, todo o hibridismo cultural existente em sua própria vida, já que possuía tripla cidadania: a beociana, onde nasceu, a ateniense, onde estudou e passou parte de sua juventude, e a romana, onde ministrou palestras e desempenhou funções.

Suetônio, portador da cidadania romana, também dos séculos I e II d.C., atém-se a descrever em *Vida dos Doze Césares* as biografias de doze Imperadores Romanos, iniciando com Júlio César, preocupando-se com narrar informações diversas, de âmbitos público e privado. Aqui, mais uma vez, a obra é fruto direto da vivência do autor, posto que Suetônio desempenhou cargos importantes em meio à sociedade imperial romana, tal como a função de *ab epistulis*, que lhe possibilitou o contato com informações privilegiadas acerca dos imperadores, suas famílias, seus feitos e suas administrações.

A partir das colocações acima, podemos perceber que, em nossa pesquisa, tratamos de três autores pertencentes a momentos distintos do arco cronológico do Principado Romano. Além disso, suas formas de compor seus relatos são diferentes, assim como as sociedades em que estes foram concebidos. Contudo, apesar das diferenças, nos chamou a atenção as múltiplas e destacadas semelhanças. Similaridades estas que se encontram na maneira que estes autores fazem uso das figuras de Júlio César e de Marco Antônio para elaborarem suas construções em torno de Augusto. Mais especificamente, como a imagem deste imperador romano é criada por tais autores de maneira a se assemelhar a certas características de César e a se distanciar de algumas das características que tais escritores julgavam pertencer a Antônio.

Sendo assim, é nossa intenção nesta apresentação, ressaltar como estes três autores descrevem Marco Antônio, destacando determinados pontos de sua trajetória em

⁴ Salientamos que concordamos com a visão de Raymond Starr (1981, p.166), o qual nos diz que Veléio, ao usar elementos brevíários, panegíricos e biográficos, cria um novo modelo de escrita, que pode ser chamado de *transcurus*. Neste, a história é contada a partir da ressalva de seus pontos principais, ou seja, apenas os acontecimentos de maior importância são narrados pelo autor.

meio à sociedade romana, de modo a afastar a sua imagem daquela que será incorporada, em um momento posterior, pelo *Princeps* Augusto. Em outras palavras, como se formam imagens opostas entre Marco Antônio e Augusto nas linhas dos autores aqui analisados.

Nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio, a figura de Antônio aparece em momentos distintos, porém, sempre associada a um personagem principal, como Júlio César ou Augusto.

As menções no relato veleiano a Antônio antes do assassinato de César são poucas. Sua imagem aparece associada à imagem de um militar, em meio a desempenhos no campo de batalha, função que lhe cabia naquele momento (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 47).

A primeira referência a Antônio feita por Suetônio ocorre, contudo, não associada às funções militares, mas sim, ao desempenho da magistratura de tribuno da plebe, quando este foge de Roma e vai ao encontro de César, no início da guerra civil (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXXI, 1). Em nossa concepção, a citação mais tardia de Antônio na obra de Suetônio acontece porque, até então, as ações sociais e militares deste personagem não lhe atribuíam grande fama e repercussão na sociedade romana. Sua figura aparecerá em maior evidência durante as guerras civis e, principalmente, após o assassinato de César, quando começa a sua intensa luta pelo poder.

Plutarco também cita Antônio em meio a sua descrição da vida de César. Da mesma forma que Veléio, o beociano alude a primeira vez ao nome de Antônio durante o seu tribunato militar, quando este lê, segundo o autor, uma carta de César ao povo (PLUTARCO, *César* XXX, 3). Contudo, é em sua biografia sobre este personagem que sua vida é minuciosamente relatada. Logo no início desta biografia, são descritos os laços familiares e genealógicos do personagem⁵. Segundo Plutarco:

O avô de Antônio foi o orador Antônio, que Mário mandou executar porque aderira ao partido de Sila. Seu pai também se chamava Antônio e ostentava a alcunha de Cretense; não fizera nome na política, mas era um homem gentil e honesto, muito inclinado a larguezas (...). (PLUTARCO, *Antônio* I, 1-2)

O autor mostra-nos, assim, que a descendência de Antônio não era, de todo modo, ilustre. Da parte de seu pai, os representantes de sua família não constituíram riquezas, nem desempenharam grandes funções no meio político e social. Notamos aqui uma das primeiras contraposições realizadas com a figura de Augusto. Na narrativa

⁵ Dentre nossos autores, Plutarco é o único que se refere à genealogia de Antônio.

plutarqueana, mesmo sem termos contato com a biografia de Augusto⁶, este aparece como sendo descendente dos *Iulos*, família que possuía em suas bases deuses e heróis, além de ser o herdeiro do Divino Júlio. (PLUTARCO, *César* LXVII)

Ao tratar das origens maternas e sobre a criação de Antônio, o autor nos relata que este foi criado por Júlia, da gens dos *Iulos*, uma das mulheres mais nobres e discretas de seu tempo. Foi ela quem o criou até sua juventude, sendo a responsável por sua educação. (PLUTARCO, *Antônio* II, 1). Podemos notar que Plutarco ressalta a educação de Antônio por parte da mãe, mulher que possivelmente possui ligação familiar com a família de César, questão essa que o autor faz questão de apontar, como se intentasse demonstrar que César e Antônio possuíam, de certa maneira, um tenuous parentesco, laço familiar este que o conectava a Augusto, mas que, de maneira alguma, tornava-os semelhantes.

No desenrolar das narrativas, Plutarco é quem nos fornece maiores descrições acerca da aparência física de Antônio. Segundo seu relato, Antônio era portador de extrema beleza, principalmente durante sua juventude (PLUTARCO, *Antônio* II, 3). Em suas linhas biográficas, tem-se que:

Ostentava grandes ares de dignidade: sua barba majestosa, sua fronte larga e seu nariz aquilino, de modo que sua aparência parecia se assemelhar ao aspecto viril representado por pintores e escultores ao rosto de Hércules. Existia, de resto, uma antiga tradição onde a família de Antônio era heráclidas, descendentes de Antônio, filho de Hércules. Antônio procurou afirmar esta tradição tanto por sua aparência física quanto pela forma que se vestia. Alguns relatam que, quando tinha que mostrar-se em público, possuía a túnica suspensa até as coxas, levando ao flanco uma enorme espada e envergava um pesado manto. (PLUTARCO, *Antônio* IV, 1-2)

Na concepção do autor acima arrolado, Antônio, apesar de ser naturalmente belo, usava desta beleza para outros fins, para legitimar uma antiga crença, para colocar-se como descendente de grandes heróis. A sua beleza constituía-se em forma de legitimação de sua pessoa. Este aspecto o difere, novamente, de Augusto. Plutarco nos relata que Augusto, apesar de belo, pouco usufruía de seus dotes naturais. (PLUTARCO, *Antônio* XV, 4). Semelhante visão apresenta Suetônio, o qual nos diz que:

⁶ Ressalvamos aqui que na obra plutarqueana trabalhamos com a construção indireta da imagem de Augusto, uma vez que não chegou até o nosso tempo a biografia escrita por este autor sobre este *Princeps*. Assim, as informações sobre tal personagem são retiradas das biografias de César e Antônio.

Desfrutou de rara beleza e foi bastante atraente ao longo de toda sua vida. Contudo, prescindiu de qualquer adorno e a tal ponto era descuidado com os cabelos que se prestava às pressas e ao mesmo tempo aos cuidados de vários barbeiros, e raspava ou aparava a barba enquanto lia ou mesmo escrevia algo. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* LXXXIX, 1-3).

Esta diferença entre Augusto e Antônio destacada pelos autores é de grande importância, uma vez que demonstra não só as qualidades de cada personagem, mas também a composição de seu caráter. Antônio usava de sua beleza para destacar-se em meio à sociedade romana, ou seja, era esta uma das únicas maneiras encontradas por ele, nas palavras destes escritores, para conseguir sua legitimação. Por sua vez, Augusto, mesmo belo, nunca fez uso de seus atributos físicos. Pelo contrário, mais uma vez segundo Plutarco e Suetônio, isto pouco lhe importava. Seu prestígio perante Roma lhe era atribuído por outros aspectos, tais como seu valor, sua moral e inteligência.

Concepções semelhantes sobre Antônio podemos encontrar quando Veléio, Plutarco e Suetônio aludem as suas qualidades morais e intelectuais. As referências sobre estes aspectos são bem mais presentes nas obras de nossos autores. Para nós, isso ocorre em detrimento da necessidade que os autores enxergam em ressaltar tais características, uma vez que estas são as principais formadoras do caráter e da virtude dos homens.

A princípio, Veléio já nos deixa uma pista sobre como irá caracterizar a índole de Antônio no percorrer de sua obra. Ao narrar a conspiração que se formava para o assassinato de Júlio César, o autor diz que:

E a esse acordo de morte haviam se juntado seus colaboradores mais íntimos, Décimo Bruto, Caio Trebônio e outros de nomes ilustres depois que ascenderam, através da fortuna de seu partido, às posições mais relevantes. Havia adquirido um grande ódio contra César seu colega no consulado, Marco Antônio, um homem capaz de qualquer audácia, ao impor-lhe, quando presenciava as festas dos Lupercais diante da tribuna rostral, um distintivo régio, ao qual rejeitou como pode para que isso não fosse interpretado como uma ofensa. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 56)

Através da sentença “um homem capaz de qualquer audácia”, Patérculo já exprime a índole que pretende encontrar nas ações de Antônio. O fato deste ter proposto a César um item que se referia diretamente à monarquia parece ter sido visto pelo autor como algo de má fé, um ato de traição que intentava caracterizar César como um homem em busca do poder monárquico, colocando-o em uma posição delicada perante

ao Senado e ao povo romano. Desta maneira, parte do ódio direcionado a César tem sua culpa nas atitudes de Antônio.

A mesma referência a esse acontecimento podemos encontrar tanto em Plutarco (*César* LXI, 1-6) quanto em Suetônio (*O Divino Júlio* LXXIX, 9), onde ambos relatam a participação nada conveniente de Antônio nas festas dos Luperciais e a tentativa deste de coroar César com uma coroa de louros, símbolo da monarquia. Nos dois relatos, os autores também destacam que César repudiou a coroa, encaminhando-a ao Capitólio, entretanto, o mal já havia sido causado, uma vez que os presentes já passaram a suspeitar das intenções cesarianas. Aqui, mais uma vez, a figura de Antônio aparece ligada a atos impróprios, que não condiziam nem com a sua posição nem com a de César.

Sobre o caráter de Antônio, Plutarco, por conseguinte, também é bastante expressivo. Desde a juventude, segundo este autor, Antônio dá indícios do trajeto que sua vida percorrerá. Na obra plutarquiana, um desses indícios é encontrado na relação que, ainda jovem, estabelece com Curião, homem propenso a prazeres vulgares e indecorosos, o qual induziu Antônio a uma vida regada a bebedeiras e a libertinos prazeres sexuais. Foi nesse período que Antônio, entregando-se a atitudes não condizentes com os valores e tradições romanas, teria contraído pesadas dívidas, maculando, desde o início, sua imagem perante Roma (PLUTARCO, *Antônio* II, 3). Aqui, encontramos mais um ponto distintivo entre o caráter de Antônio e o de Augusto. Enquanto Plutarco fala sobre as relações indecorosas de Antônio que permearam sua vida desde a juventude, o mesmo não o diz sobre Augusto. Em sua concepção, este soube desvencilhar-se dos vícios, mostrando-se sempre focado em atividades como o estudo da retórica e da eloquência. (PLUTARCO, *Antônio* XVIII, 3). Esta mesma aceção podemos encontrar em Suetônio, o qual coloca que o herdeiro de César dedicou-se com afinco, desde muito cedo, as artes liberais, desenvolvendo, por conseguinte, o dom da eloquência. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* LXXXIV, 1). As demonstrações destas qualidades serão dadas em vida, quando compõe muitas obras de gêneros variados, adotando para isso um estilo elegante e sóbrio, evitando a frivolidade. Aqui, Suetônio distingue este governante de Antônio, o qual demonstra o pendor por estilos exuberantes de escrita, oriundos de terras estrangeiras, condizentes com sua personalidade (*O Divino Augusto* LXXXV, 1-3; LXXXVI, 3).

Os desvirtuamentos de caráter, por assim dizer, de Antônio ainda são profusamente descritos nas linhas plutarqueanas. Segundo estas, Antônio, mesmo

quando se afastava das amizades infrutíferas, acaba por fazer escolhas dúbias. Um exemplo disto, é quando, em viagem pela Grécia, Antônio apresenta um pendor por um estilo de retórica diferente daquele adotado por Roma. Nas palavras de Plutarco: "Ele adotou o que era conhecido como o estilo asiático de oratória, o qual estava no auge naqueles dias e que possuía, aliás, uma forte semelhança com sua própria vida, orgulhosa e arrogante, de ênfase vazia e caprichosa pretensão." (PLUTARCO, Antônio II, 5). Para além das críticas ao estilo literário, o autor faz clara alusão ao estilo de vida de Antônio, assim como a seu gosto por aquilo de origem estrangeira, como é o caso da escolha de um estilo de oratória asiática. Plutarco, desde então, demonstra que essa propensão pelos artífices estrangeiros está, basicamente, intrínseca a Antônio e à sua vida. Aqui, mais uma vez, encontra-se uma dessemelhança com Augusto, que, como já mostramos, é retratado por todos os autores por nós estudados, como um homem culto, que buscou ensinamentos com professores de certa fama nos assuntos pertencentes às técnicas da oratória e da retórica, tonando-se excelente na arte da eloquência.

Outras alusões aos costumes repreensíveis de Antônio são narradas em sua biografia plutarqueana. Em todo momento, Plutarco dá indícios de como caracteriza o caráter do biografado, tais como sua propensão a festas e a bebedeiras, além de seu gosto pela grandeza e riqueza. Estas características podemos notar em passagens como: "(...) a bebedeira de Antônio, o qual demoliu a casa de Pompeu e a reconstruiu, pois julgava não ser bastante grande para ele." (PLUTARCO, *César* LI, 1-4) ou mesmo quando o autor nos fala que Antônio possuía um espírito fanfarrão e zombeiteiro. (PLUTARCO, *Antônio* 4, 6).

Faz-se interessante notar que os mesmos aspectos aparecem relacionados a Antônio nas obras de Veléio e Suetônio. O primeiro nos diz que: "Antônio era melhor que muitos (no campo de batalha), quando estava sóbrio (...)" (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 63). Por sua vez, Suetônio também alude a este ponto, quando coloca que as bebedeiras de Antônio ocasionavam a César inúmeros problemas. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XXX, 1).

Mais uma vez, coloca-se aqui outro ponto distintivo entre as narrativas sobre Antônio e Augusto. Enquanto o primeiro é tido por nossos autores como um homem propenso a bebedeiras e ações pouco valorosas, o segundo é sempre destacado como sendo um homem sóbrio tanto em suas escolhas quanto em suas ações.

Outro ponto em comum entre nossos autores é a descrição das atitudes militares de Antônio. Nisto, todos concordam: é neste aspecto que ele mostra grandes ações e

algumas virtudes. Aquí encontramos alguns elogios a sua pessoa, principalmente sobre suas desenvolvuras sob o comando de Júlio César. Suas ações como militar o colocam em uma posição de relevo perante Roma, o que faz com que seja eleito Tribuno da Plebe. Contudo, mesmo quando as ações descritas pelos autores são positivas, Antônio não é o único responsável por elas. Tanto Veléio, quanto Plutarco e Suetônio atribuem à associação de Marco Antônio com César as glórias do primeiro durante as eleições para tribunos. Em síntese, para nossos autores, Antônio só apresenta boas ações quando não as toma sozinho, quando está conectado a César ou a outra pessoa que apresente um caráter mais digno. Ainda, principalmente as linhas plutarqueanas, quanto maior o cargo ocupado por Antônio, maiores se tornam seus vícios, suas falhas de caráter e de valores morais. (PLUTARCO, *Antônio IX*, 3)

Um exemplo disto podemos encontrar após a morte de Júlio César, quando os autores aquí apresentados voltam suas narrativas para as ações de Antônio. Como já colocado aqui, Veléio e Suetônio colocam-o como um dos principais motivadores do assassinato cesarino, principalmente após os *Lupercais*. Para Plutarco, Antônio teria dado, mesmo que acidentalmente, o pretexto para os conjuradores quando entregou a César a coroa de louros. Nota-se aquí um certo distanciamento entre as pontuações dos autores, enquanto Veléio e Suetônio o apontam como culpado, Plutarco exime Antônio desta culpa. (PLUTARCO, *Antônio XII*, 1). Entretanto, mesmo que a atitude de Antônio não fosse intencional, para o beociano, além de ela acrescentar um motivo para o assassinato de César, ela também ocasionou questionamentos sobre a lealdade do cônsul para com seu general (PLUTARCO, *Antônio XIII*,1). São desconfianças que o próprio autor parece demonstrar ao salientar que os conjurados pensavam em arrematá-lo para a conjuração. As atitudes de Antônio perante isso são dúbias: “Antônio compreendia muito bem, mas não se mostrava receptivo; todavia, não havia comunicado as conversas a César, mantendo um fiel silêncio sobre o assunto.” (PLUTARCO, *Antônio XIII*, 1). O autor, por conseguinte, relata que Antônio, ao acompanhar César ao Senado, foi parado por alguns dos conspiradores que temiam a força física de Antônio (PLUTARCO, *Antônio XIII*, 2).

É após o assassinato de César, que as atitudes de Antônio parecem ser ainda mais expressivas, sendo destacadas por nossos autores antigos aqui analisados. Voltaremos nossa atenção para as ações ligadas ao futuro Augusto, até então denominado Otaviano.

Na descrição velleiana, Antônio aparece como um conciliador, um estrategista político que foi capaz de, em uma ocasião de grande tensão, apaziguar os ânimos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 58). Esse caráter conciliatório de Antônio aparece também em Plutarco, que é bem detalhista sobre este ponto, ressaltando que as ações antoninas serviram para acalmar tanto os revoltosos com o assassinato de César quanto os seus conspiradores. (PLUTARCO, *Antônio* XIV, 1). Contudo, novamente, Plutarco deixa entrever o fato de que a personalidade de Antônio muda de acordo com sua posição frente a Roma e a seus cidadãos. Assim, o seu caráter conciliatório transforma-se a partir do momento em que este percebe que possui certa reputação em meio ao povo, fazendo-lhe mudar de planos para ascender ainda mais ao poder. (PLUTARCO, *Antônio* XIV, 3).

Logo, é fazendo uso da morte de César, fundamentalmente através do elogio fúnebre que profere perante o corpo de César, que, segundo nossos autores, Antônio passa a colocar-se de outra maneira perante a sociedade. Mostra-se como alguém disposto a ocupar o lugar principal nos assuntos concernentes a Roma. (PLUTARCO, *Antônio* XV, 3).

Outras considerações acerca do caráter e dos intentos do cônsul Antônio são realizadas a partir do momento em que este se encontra com o herdeiro instituído por César, o jovem Otávio. As interpretações de nossos autores sobre este ocorrido denotam a importância atribuída pelos autores.

Primeiramente, os três concordam em um ponto chave: Otaviano foi escolhido por César para ocupar seu lugar perante Roma. Esta escolha também é realizada pelos deuses, como salienta Veléio:

Um grande número de amigos o acudiram ao chegar em Roma e, no momento em que estava prestes a adentrá-la, um arco íris em forma de coroa ornamentou a frente de um homem que mais tarde iria ser tão importante. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* II, 59)

Suetônio possui passagem semelhante, onde nos diz que:

Retornando de Apolônia após o assassinato de César, um círculo semelhante ao arco íris rodeou repentinamente o sol enquanto entrava em Roma e o céu estava límpido e sereno. Imediatamente depois, o sepulcro de Júlia, a filha de César, foi atingido por um raio. (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XCV, 1)

Logo, o herdeiro de César era legitimado até mesmo pelos deuses, que se manifestaram assim que este colocou os pés em Roma.

Um outro quesito de concordância entre os autores está na descrição do primeiro encontro entre Antônio e Otaviano. Para eles, ao buscar o que era seu por direito legítimo, o futuro Augusto deparou-se com a ambição de Antônio. Os relatos velleianos e plutarqueanos são bastante significativos quando tratam deste encontro entre o herdeiro legítimo e aquele que intentava sê-lo. Para Veléio:

O cônsul Antônio o aceitou (Otaviano) de imediato, porém com arrogância – não era apenas rejeição, mas sim temor – e, ao recebê-lo nos jardins de Pompeu, tomou apenas um momento para falar com ele, e depois começou a acusá-lo maliciosamente de ter tentado contra ele, e isso foi uma evidência vergonhosa de sua falsidade. (VELÉIO PATÉRCULO, História Romana II, 60. Grifo nosso)

Assim, nas linhas velleianas, Antônio faz uso de artifícios embaraçosos e falsos para desacreditar o herdeiro de César, almejando, desta forma, alcançar a sua posição. Plutarco parece concordar com ele, uma vez que nos fala que:

É neste estado das coisas que o jovem César chegou a Roma, um filho da sobrinha do César falecido, como já dissemos, o qual instituirá como herdeiro de sua fortuna. Encontrava-se em Apolônia quando César foi assassinado. Logo ao chegar foi saudar a Antônio, como a um amigo de seu pai, e o lembrou dos valores depositados junto a ele. Pois era de sua obrigação dar a cada romano o valor de setenta e cinco dracmas que César lhes legara em testamento. De início, Antônio, desdenhando sua juventude, disse-lhe que seria uma falta de bom julgamento, com a pouca capacidade e os amigos que possuía, encarregar-se de fardo tão pesado quanto a sucessão a César. E, quando o jovem recusou-se a dar ouvidos a isso, e reclamou a soma, Antônio continuou falando e tomando inúmeras atitudes para insultá-lo. (PLUTARCO, Antônio XVI, 1-2)

A concordância com tais atos do cônsul aparece, inclusive, em Suetônio, o qual salienta que o jovem herdeiro de César inúmeras vezes teve que lidar com as injúrias que Antônio lhe atribuía (SUETÔNIO, O Divino Augusto IV, 3.; VII, 3). Assim, na visão apresentada pelos três autores aqui analisados, as ações de Antônio perante Otaviano foram, desde o princípio, as principais causadoras do confronto que se estabeleceria entre estes dois cidadãos romanos. Mostra-se, desta maneira, que as narrações de Veléio, Plutarco e Suetônio se convergem neste ponto.

As disputas entre Otaviano e Antônio são profusamente citadas. É curioso notar que nestas, Antônio sempre aparece como uma espécie de vilão, como aquele que quer usurpar do herdeiro de César aquilo que lhe foi concedido por seu próprio antepassado. Dentre estas descrições, as palavras velleianas são bastante expressivas, uma vez que colocam que:

A cidade estava sufocada pela opressão de Antônio. Todos sentiam dor e indignação, porém, não possuíam força para lhe fazer frente, quando Caio César, que iniciava o décimo nono ano de sua vida, com a coragem para ações admiráveis e para a busca de objetivos importantes por iniciativa própria, mostrou maior providência que o Senado na proteção da República (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 61)

O jovem César aparece, desde esse instante, na obra deste escritor como um protetor da *Res Pública* contra as ameaças de Antônio, sendo este último, inclusive, declarado inimigo de Roma (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 63).

O desfecho destas disputas se encontram na formação de um novo pacto triunviral. A formação do Segundo Triunvirato é muito destacada tanto por Plutarco, quanto por Veléio e Suetônio. Neste último, ela aparece, de certa forma, diminuída, uma vez que o autor dá destaque às ações de Otaviano durante esse período, mesmo que estas não lhe fossem muito honrosas (SUETÔNIO, *O Divino Júlio XIII*, 1-4).

Plutarco é mais incisivo ao tratar da participação de Antônio. Na visão do beociano, o jovem César é quem propõe o acordo de paz. Com o mesmo concorda Patérculo (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 65), o qual destaca que foi o herdeiro cesariano que propôs a paz entre os combatentes. Acordo este que não é bem quisto nem pelos cidadãos romanos nem pelo próprio autor, como ele nos deixa abundantemente à mostra: “Não creio que tenha havido jamais coisa tão cruel e selvagem como essa transação: barganhando crimes por crimes, assassinavam igualmente as vítimas que lhes eram entregues e as que eles entregavam.” (PLUTARCO, *Antônio XIX*, 3). As proscricções ocorridas nesse período também são destacadas nos escritos de Veléio, o qual igualmente as critica (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 67).

As ações dos triúnviros não são em nada elogiosas. No relato plutarquiano, estes aparecem como homens ávidos por poder e por grandes somas financeiras, algo que faz com que aumentem os valores dos impostos, prejudicando, assim, a população romana em geral. Porém, as ações de Antônio são as que recebem a maior atenção. Nas palavras de Plutarco:

Agora, na maior parte, o governo do triunvirato era odioso para os romanos; e a Antônio cabe a maior parte da culpa, já que ele era mais velho do que César, mais poderoso que Lépido, e que jogou-se mais uma vez, tão logo livrou-se das angústias e problemas, em sua antiga vida de prazeres e esbanjos. E a sua má-reputação somou-se um

grande ódio causado pela casa em que habitava. (PLUTARCO, *Antônio XXI*, 1-2)

Antônio, como já salientamos anteriormente, ocupou a casa de Pompeu, na qual, segundo autores como Plutarco, fez inúmeras mudanças por acreditar que essa não condizia com a grandeza de seu novo habitante. A destruição do patrimônio de um dos importantes líderes da Roma republicana, ou seja, a devastação de parte de sua memória, pode não ter sido acolhida por alguns dos cidadãos que buscavam por exemplos de bons e sóbrios governantes. Essa nos parece ser uma das críticas realizadas por nosso autor beociano, uma vez que este, nos relatos sobre Augusto, faz questão de destacar a simplicidade deste general tanto ao morar quanto ao portar-se em meio ao público (PLUTARCO, *César XVII*, 1-8).

As ações dos triúnviros ainda são analisadas de forma abundante nos relatos aqui destacados. Para Plutarco, enquanto o jovem César dirigiu-se para Roma, com intuito de cuidar de sua saúde e zelar pela segurança da cidade, Antônio viajou para terras estrangeiras, onde, mais uma vez, entregou-se às suas paixões. (PLUTARCO, *Antônio XXIV*, 1-2). As excentricidades do triúnviro em terras estrangeiras são extensamente relatadas pelo autor, que a este ponto, dedica alguns capítulos de sua obra. Em meio a tais descrições, o autor faz alusão a um componente do caráter de Antônio: a sua simplicidade. Ou seja, parte do que era considerável negligência de Antônio, era, para o autor supracitado, culpa da simplicidade deste homem que ainda apresentava-se, de certa forma, ingênuo perante determinados acontecimentos. Esta mesma suposta ingenuidade, auferida por Plutarco, pode ser a culpada pela inclinação que Antônio possuía para aceitar, de forma acrítica, os elogios e a adulação de pessoas variadas, deixando-se, assim, iludir-se (PLUTARCO, *Antônio XXIV*, 6-8).

É em detrimento desses traquejares de sua personalidade que Antônio passa a se relacionar com mulheres de dúbio caráter, tal como a governante ptolomaica, Cleópatra VII. Ainda de acordo com as linhas plutarqueanas:

Tal, então, era a natureza de caráter de Antônio, que agora abismou-se na desgraça pelo amor de Cleópatra, amor que despertou e desencadeou nele inúmeras paixões adormecidas e sufocou o que, apesar de tudo, podia ainda existir de bom e saudável em sua alma. (PLUTARCO, *Antônio XV*, 1.)

A relação de Antônio com Cleópatra torna-se, a partir deste ponto, o eixo central da narrativa plutarqueana. A vida do cidadão romano irá girar em torno de suas ações

sob o jugo desta estrangeira. Aqui, novamente, o autor beociano passa a realizar um destacamento das atitudes do biografado que demonstram seu caráter, suas virtudes e seus vícios.

Patérculo também enxerga na relação entre a governante egípcia e o triúviro romano as causas da derrocada de Antônio. Para este autor: “Mais tarde, ao inflamar sua paixão por Cleópatra e como resultado de sua enorme degradação moral, a qual sempre aumenta ao encontrar possibilidades (...)” (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 82). Ou seja, para este autor, a união com a soberana ptolomaica possibilita que Antônio aumente seus defeitos morais, o que, futuramente, será a causa da guerra contra Otaviano.

Suetônio refere-se, igualmente, à relação entre Antônio e a herdeira ptolomaica. No entanto, não se estende muito na descrição desta. O autor destaca a manutenção destas relações e o que os frutos desta vieram a ocasionar na sociedade romana: uma nova guerra civil (SUETÔNIO, *O Divino Augusto XVII*, 1-2).

As falhas e os vícios de Antônio mais uma vez são os causadores de sua derrocada. Ao voltar a se relacionar com Cleópatra, o romano dá as costas para sua esposa Otávia e, com isso, para a pouca estabilidade que esse laço familiar lhe proporcionava com seu irmão, Otaviano.

Deste ponto em diante, o autor beociano cita inúmeras ações de Antônio que culminaram na guerra contra Otaviano e, por conseguinte, contra a própria Roma. Foi em meio ao caos reinante na vida de Antônio que se estabeleceram os primórdios de uma nova guerra civil. Para Plutarco, o estopim é dado quando Antônio passa a renegar Otávia, sua esposa romana, em detrimento de Cleópatra. Segundo o beociano, isso é um dos principais motivos utilizados pelo futuro Augusto para declarar guerra a Antônio (PLUTARCO, *Antônio* LIII, 1-2.; LIV, 1-2). Faz-se necessário a ressalva de que o autor atribuiu a Cleópatra grande parte da culpa por esse conflito, uma vez que são suas atitudes dissimuladas que levam Antônio a desamparar Otávia e a sociedade romana (PLUTARCO, *Antônio* LIII, 3-4).

A deflagração civil entre Antônio e Otaviano é abordada pelos três autores. Veléio, assim como Suetônio e Plutarco, coloca em Antônio a maior parte da culpa, uma vez que seu desregramento moral fez com este declarasse guerra a sua própria pátria (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 82).

Suetônio também coloca a culpa nos desvios de Antônio perante as tradições e os valores romanos. Em suas palavras:

Finalmente rompeu (Otaviano) a aliança sempre dúbia e incerta com Marco Antônio, mal restabelecida por várias reconciliações, e, para que pudesse melhor provar que ele tinha degenerado dos padrões de comportamento civil, fez abrir e ler em público o testamento que ele deixara em Roma e que também nomeava os filhos de Cleópatra como seus herdeiros. (SUETÔNIO, *O Divino Júlio* XVII, 1)

Sobre esse aspecto do testamento de Antônio, Plutarco igualmente nos fala, (PLUTARCO, *Antônio* LVIII, 4), acrescentando a isto as cerimônias realizadas pelo próprio romano em Alexandria, onde este proclamava seus filhos com a ptolomaica como os detentores de honras divinas e de províncias romanas. Esta atitude, ainda de acordo com Plutarco, lhe atribuiu grande ódio e rancor em meio a seus concidadãos (PLUTARCO, *Antônio* LIV, 3).

O embate final entre os dois homens ocorre, segundo os autores, em Áccio, onde mais uma vez podemos encontrar a exposição da personalidade de César e de Antônio. O último, de acordo com Plutarco e Veléio, ao ver que Cleópatra fugia, bate em retirada, abandonando aqueles que lutavam por defendê-lo e demonstrando, dessa forma, o seu verdadeiro caráter. O papel de Otaviano, já chamado de César, como um homem clemente e piedoso, que: “ (...) querendo render com as palavras aqueles que podia vencer com a espada (...)”. (*História Romana II*, 85), também é muito destacado pelos autores, que tornam a descrever as ações do herdeiro julio-claudiano com o intuito de resguardar as vidas dos cidadãos romanos, mesmo aqueles que o combateram. O jovem herdeiro de César lutava por Roma e não por si próprio. A atitude do futuro Augusto parece-nos, na obra veleiana, demonstrativa do valor deste cidadão romano, principalmente quando este nos diz que:

Quem poderia expressar nesta obra tão breve o benefício que trouxe a todos aquele dia, a mudança que ocasionou no estado da fortuna pública? A vitória foi realmente muito clemente, não foram condenados a morte mais que alguns poucos e aqueles que não suportavam sequer clamar por suas vidas. Da generosidade do general se pode deduzir que este expressou as mesmas medidas para o bem que havia demonstrado no início de seu triunvirato nos campos de Filipos. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana II*, 86)

A procura pelo bem e a clemência do herdeiro de César estão implícitas em seus atos para Veléio. O desfecho da disputa entre este e Antônio igualmente apresenta a mesma caracterização. Contra quem tomou em armas contra ele, César nada fez. Não foi o responsável pelos suicídios de Antônio e Cleópatra (*História Romana II*, 87).

Em Suetônio, a descrição difere-se um pouco. Para este autor, parte da culpa da morte de Antônio recai sobre o jovem César, uma vez que: “Certamente impeliu Antônio, que tentava negociar a paz tarde demais, à morte, e viu-o morto.” (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 5). Ao mesmo tempo, o autor relata que este também tentou impedir a morte de Cleópatra, pois esta lhe seria de muita utilidade em seu triunfo (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 6). Na mesma instância, matou um dos filhos de Antônio com a soberana, assim como o com Fúlvia e o suposto filho de Caio Júlio César, Cesarião (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 7). Porém, o jovem futuro governante romano demonstra seus ares de clemência quando concede a ambos, Antônio e Cleópatra, a honra do sepultamento em conjunto, terminando a construção do mausoléu que Cleópatra havia iniciado em Alexandria (SUETÔNIO, *O Divino Augusto* XVIII, 6). Plutarco estende essa largueza de César às servas que morreram junto a Cleópatra, prescrevendo-lhes cerimônias honrosas (PLUTARCO, *Antônio* LXXXVI, 4)

Plutarco, no final de sua biografia, remete-se à construção genealógica dos herdeiros de Antônio, sete filhos com três mulheres diferentes. Para o autor, Otávia, após a morte de Antônio, criou a todos como se fossem seus. Os herdeiros de Antônio vieram a ocupar grandes cargos imperiais, sendo que dois foram nomeados imperadores. Porém, até mesmo nestes, as reminiscências do caráter de Antônio são prejudiciais. Para o autor, Nero Germânico era o quinto descendente de Antônio e sobre este, informa-nos que: “(...) é aquele que reinou em nossa época, matou a mãe e quase arruinou o império romano com suas loucuras.” (PLUTARCO, *Antônio* LXXXVII, 3).

Assim, terminam os relatos acerca da vida de Antônio. Cada autor a sua própria maneira, seguindo suas concepções e as formas de escritas por eles selecionadas, descrevem e analisam a vida deste importante personagem do cenário republicano romano. Em Velício e Suetônio, Antônio e suas ações aparecem como uma espécie de pano de fundo, sempre conectadas a Júlio César ou a Otaviano. Isso pode ser fruto tanto da abordagem de tais autores que, como já salientamos, enfatizam suas descrições em torno de determinados personagens e imperadores romanos; quanto ao papel que tais escritores atribuem a Antônio. Plutarco, por conseguinte, já denota maior importância às ações deste romano perante Roma e aos eventos do período. Para ele, cria uma biografia própria, algo que não podemos encontrar em outros escritores do período. Nesta, suas ações são descritas de forma pormenorizada, destacando-se seus vícios, suas virtudes, seu caráter e sua moral.

Mesmo com a constatação de diferenças nas obras de nossos autores, chamamos a atenção as semelhanças. Semelhanças estas que estão nas informações que tais autores nos passam, nas descrições acerca de Antônio e na conceituação da personalidade deste personagem. Descrições que, mais uma vez, utilizam-se da tradição romana no intuito de legitimar tanto a figura de *Princeps*, no caso Augusto, como o sistema político do Principado Romano. Em nossa concepção, cada autor fala à sua própria maneira, mas todos buscam legitimar o sistema político do Principado que surgira com Augusto e, para tanto, fazem uso da figura de Antônio. A utilizam de maneira a justificar as ações do futuro *Princeps*, ações que iam a favor da *Res Pública*, ao contrário daquelas perpetuadas por Antônio.

Logo, ao denegrirem a imagem de Marco Antônio, Veléio, Plutarco e Suetônio contribuem, mesmo que não intencionalmente, para a legitimação da figura augusteana e, por conseguinte, da estrutura política do Principado romano.

Partindo de nossa interpretação sobre o tema, duvidamos acerca destas construções a respeito de Marco Antônio e Augusto. Primeiramente, partindo dos princípios de que os relatos são construções passionais e passíveis de outras interpretações, duvidamos que aquilo que nossos autores transmitem sobre estes personagens seja a única versão existente sobre tais importantes homens dos períodos republicano e imperial. Intriga-nos, principalmente, os atributos e as características que são atribuídas por nossos autores à Marco Antônio.

Em nossa aceção, Marco Antônio, essencialmente após a morte de Júlio César, aparece em meio à sociedade romana como um político versátil, detentor de habilidades que o caracterizaram como um bom governante. De início, Antônio parece demonstrar grande habilidade política ao estabelecer a concórdia entre aqueles que eram caracterizados como os assassinos de César e aqueles que queriam a vingança. Ainda, Antônio demonstra grande habilidade tanto no campo militar quanto no político e administrativo. Como exemplo disso, notamos que é Antônio, e não seu companheiro triúviro Otaviano, que se aventura pelo Oriente, estabelecendo para além de relações amorosas com a soberana dessa região, relações políticas, econômicas e militares muito proveitosas para Roma. Características estas que, em nossa concepção, determinariam a imagem de um bom governante, no entanto, isso não acontece nas obras de Veléio, Plutarco e Suetônio.

Logo, em nossa visão, ao denegrirem a imagem de Antônio e ao exaltarem a de Augusto, os autores intentaram legitimar o sistema político no qual se encontravam, o Principado Romano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A. Documentação

HORÁCIO. (2008). *Odes*. Tradução de Jeffrey H. Kaimowitz. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

PLUTARCH. (1919). *The Parallel Lives*. Londres: Loeb Classical Library edition, 4v.

_____. (1919). *The Parallel Lives*. Londres: Loeb Classical Library edition, 5v.

_____. (1967). *Plutarch's Lives*. Tradução, introdução e notas explicativas de Bernadotte Perrin. Cambridge/ London: Loeb Classical, p. XI – XIX.

_____. (1999). *The Lives of the Noble Grecians and Romans*. Trans. Thomas North. Ed. Judith Mossman. Ware: Wordsworth Editions.

PLUTARCO, SUETÔNIO. (2007). *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade.

PLUTARQUE. (1995). *Vies Parallèles I*. Traduction: J. Alexis Pierron. Revue et Corrigée par Françoise Frazier. Introduction, notices, notes, bibliographie et chronologie par Jean Sirinelli. Paris: Flammarion.

SUÉTONE. (1975). *Vies des doze Césars*. Préface de Marcel Benabou. Paris: Les Belles Lettres.

SUENTONNIUS. (2009). *The Lives of Caesars*. Oxford: Oxford University Press.

SUENTONNIUS. (2006). *The Lives of The Twelve Caesars – Complete*. Los Angeles: Echo Library.

VELÉIO PATÉRCULO (2001). *História Romana I*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos.

_____. (2001). *História Romana II*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

VELLEIUS PATERCULUS. (1982). *Histoire Romaine T I: Livre I*. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres.

_____. (1982). *Histoire Romaine T II: Livre II*. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

B. Obras e artigos

ALBERTO, P. F. (2004). O Simbólico na Construção da Imagem e do Programa Ideológico de Augusto. In: *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, vol.06, p. 27-50.

ALSTON, R. (1998). *Aspects of Roman History A.D. 14 – 117*. Londres / New York: Routledge.

AYMARD, A., AUBOYER, J. (1996). *Roma e seu Império*. São Paulo, v.1 e 2.

ALBRECHT, M. (1997). *A History of Roman Literature. From Livius Andronicus to Boethius*. New York/ Leiden: Brill.

BACELÓ, J; CATANIA, M. (2003). Las Bases del Poder de los Líderes Carismáticos durante La Crisis de La República Romana. S.I.A.C. In: ROJO, E. (org). *Representaciones Identitárias de la Roma Antigua. Tucumán: Instituto Interdisciplinaria de literatura argentina y comparadas*, p. 91 – 100.

BAHARAL, D. (1996). *Victory of Propaganda*. Oxford: Tempus Reparatum.

BÉRANGER, J. (1953). *Rechechers sur l'Aspect Idéologique du Principat*. Basel: Verlag Friedrich Reinhardt.

BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (org). (2008). *The Cambridge Ancient History. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69*. Cambridge: Cambridge University Press.

WOOF, G. (2006). *Et tu, Brute? The Murder of Caesar and Political Assassination*. London: Profile Books.

YATES, F. A. (2007). *A arte da memória*. Campinas: Unicamp.

ZANKER, P. (1988). *The Power of Imagens in the Age of Augustus*. Michigan: University of Michigan Press.